

## **Bandas de Passagem de Mariana: Os Reflexos da Comunicação de Massa na Reconstrução do Objeto Identitário<sup>1</sup>**

Eugene Oliveira FRANCKLIN<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

### **Resumo**

O presente estudo<sup>3</sup> busca trabalhar os possíveis efeitos da Indústria Cultural sobre o repertório musical das tradicionais bandas civis do distrito de Passagem de Mariana (Mariana, MG), sob as perspectivas das Teorias da Comunicação e dos Estudos Culturais. A proposta se fixa nas relações entre comunicação e cultura no que diz respeito principalmente à comunicação de massa e sua relação com o objeto identitário de um grupo social. A pesquisa tem caráter etnográfico e intenciona refletir sobre os reflexos da Indústria Cultural na reconstrução desse objeto.

**Palavras-chave:** comunicação de massa; objeto identitário; identidade cultural; bandas civis.

### **Introdução**

É sabido que todo grupo social tem sua própria cultura e que esta se configura nos elementos que distinguem esse coletivo, como crenças, costumes, conhecimentos e ideologias. Esses subsídios, procedentes das práticas e das relações sociais, dão vida à um sistema cultural

Este sistema está sempre em estado dinâmico, pois sendo produto do funcionamento do meio em que está inserido, é afetado tanto por fatores internos como por fatores oriundos de meios externos. Detentor das características próprias de um grupo social, ele engendra a identidade desse coletivo, que, muitas vezes, é construída sobre um objeto identitário. Este, inserido no dinamismo desse sistema cultural, passa por constantes reconfigurações. Dentre os elementos que contribui para esse processo está a comunicação de massa.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Comunicação e Sociedade da UFJF, email: [eugenefrancklin@gmail.com](mailto:eugenefrancklin@gmail.com)

<sup>3</sup> O presente estudo é um recorte da monografia apresentada pela autora para a conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto

A partir dessa premissa, o presente estudo busca compreender os possíveis efeitos da comunicação de massa sobre o objeto identitário de um grupo social. Para isto o trabalho tem como objeto empírico as tradicionais bandas civis do distrito de Passagem de Mariana, pertencente ao município de Mariana – MG, e direciona a sua problemática aos repertórios inerentes as corporações, compostos por marchas, dobrados e repiques, que sofreram uma reconfiguração ao longo do tempo com a inserção de músicas populares na sua composição. Utilizamos, para a realização da pesquisa, o termo músicas populares como referência às músicas comercializadas pela indústria cultural, acessíveis ao público em geral pela sua veiculação nos meios comunicacionais. O trabalho questiona se a massificação dos produtos da indústria cultural age na reconfiguração do repertório musical das bandas tradicionais de Passagem de Mariana, levando em consideração a participação dos atores sociais nesse processo.

### **As Bandas de Passagem de Mariana**

Passagem de Mariana, localizada a cinco quilômetros do centro histórico da sede do município, é o distrito mais antigo da cidade mineira de Mariana. A história da ocupação de seu território “está diretamente associada à descoberta do ouro em finais do século 17”. (ALBERGARIA; ANDRADE, 2010, p.73) O distrito tem como uma de suas principais características o gosto pela música, passado de geração em geração. Essa cultura musical é composta por duas bandas centenárias: *Sociedade Musical Santa Cecília* e *Sociedade Musical São Sebastião*.

É comum às famílias de Passagem possuírem pelo menos um de seus membros tocando em uma das duas bandas, acentuando a função de pertencimento que elas exercem nessa comunidade. O reconhecimento das bandas de Passagem também é notório em outras regiões – as bandas sempre estão se apresentando em comemorações em várias outras cidades mineiras e em outros estados, como Espírito Santo e Rio de Janeiro, por exemplo.

A banda *Sociedade Musical São Sebastião* foi criada em 1910 e tem suas raízes na comunidade operária do distrito, tendo sua história ligada ao trabalho realizado na Mina de Ouro de Passagem de Mariana. De sua criação até a década de 1930, chamou-se Banda Operária em referência à sua origem. A banda foi originada na Sociedade Beneficente Operária, também denominada Junta Operária, uma associação de trabalhadores da antiga mina.

A Junta sobrevivia de contribuições dos associados e atuava em prol de seus sócios e dependentes. Entre as iniciativas estão a realização de empréstimos em vale, ajuda orçamentária para a compra de casa própria, bem como socorro e visita a enfermos e auxílio em funerais. Além desses serviços, a Junta dinamizava a vida social local por meio de bailes e festas. Desta promoção cultural, surgiu a ideia para a criação da banda.

Em 11 de dezembro de 1909, em uma das reuniões da Junta, o sócio Elisário Alves propôs a criação de uma banda de música. O presidente da Junta na época, José André Fernandes, em reunião em 12 de janeiro de 1910, efetivou a proposta, nomeando José Ramos como mestre da banda e Cândido Nascimento, contramestre. Em 20 de janeiro de 1910, a Banda de Música Operária foi oficialmente fundada, conforme registros em ata. A Junta Beneficente foi extinta em 1930, a partir de então a Banda Operária tornou-se autônoma e passou a se chamar Banda São Sebastião.

A história da *Sociedade Musical Santa Cecília* começa em 1898, quando diversos jovens de Passagem tentaram ingressar em uma antiga corporação musical que existia no distrito<sup>4</sup>, precedendo o surgimento das duas sociedades musicais aqui estudadas. Com a imposição de muitas condições por parte do maestro desta banda para ensiná-los a tocar, estes jovens convidaram o músico Francisco Cavalcante para ensiná-los a instrumentalização musical. Como o grupo de pessoas interessadas em aprender aumentou, decidiram fazer uma associação que originaria a banda.

Com o início do funcionamento da corporação musical, seus membros tiveram que adquirir os instrumentos, o que deu origem ao primeiro problema a ser enfrentado pela *Sociedade Musical Santa Cecília*. Durante o ano de 1899, os músicos tentaram solucionar a questão. Através de uma pessoa em viagem<sup>5</sup> a São Paulo, os músicos, mesmo sem dinheiro, encomendaram os instrumentos. Estes foram enviados, mas ficaram retidos na estação ferroviária de Mariana devido à falta de pagamento. Depois de várias tentativas frustradas de obter o dinheiro que precisavam, Sabino Ugo, morador local, emprestou aos músicos a quantia necessária para quitar a dívida e retirar os instrumentos. A chegada destes aconteceu em reunião do dia 15 de fevereiro de 1900. Neste encontro, ficou acordado que a banda se chamaria *Sociedade Musical Santa Cecília* e que sua apresentação oficial seria no dia de Santa Cecília (22 de novembro).

---

<sup>4</sup>Em entrevista, José Luis Papa, ex presidente da Sociedade Musical Santa Cecília, cita a existência de uma banda que precedeu as atuais sociedades musicais de Passagem de Mariana, porém, por falta de registros documentais, não se sabe informar o nome.

<sup>5</sup> O nome da pessoa referida não consta nos documentos da Sociedade Musical Santa Cecília.

Pelas histórias das duas sociedades musicais estudadas neste trabalho, é notória a importância do papel social que elas exercem no distrito. Ambas receberam o apoio e a ajuda da comunidade para a sua criação e manutenção e na qualidade de fomentadoras da cultura local, sempre se fizeram presentes na vida dos moradores de Passagem com a promoção de bailes, serenatas e retretas pelas ruas e coretos do distrito, fazendo-se presentes, ainda, em aniversários, batizados, casamentos e funerais das pessoas da comunidade local.

Essas sociedades musicais – que, no começo de 1900, surgiram da vontade dos moradores, apoiados na assistência da própria comunidade – também atuam como uma “fábrica” de músicos, agentes de formação individual e social. Por meio de aulas gratuitas de iniciação instrumental, as bandas formam os músicos de Passagem.

Muitos dos músicos passagenses formados nas bandas do distrito, migram para outras bandas, levando o nome das sociedades musicais de Passagem para além das fronteiras geográficas, trazendo reconhecimento para essas instituições, na medida em que representam um saber-fazer de um sistema cultural de um grupo. Como visto na fala do ex-presidente da Sociedade Musical Santa Cecília, José Luis Papa:

A gente não faz apenas músicos para a Santa Cecília. A gente faz músicos para a Santa Cecília, fazemos músicos para Mariana, para Minas Gerais e para o Brasil. Exemplos que hoje, se você chegar na banda do 9º Batalhão em Barbacena, o regente lá, Tenente José Marcio, é músico feito aqui na nossa banda. Se você for na banda da Guarda Presidencial em Brasília, nós temos dois oficiais hoje lá que são daqui, alunos formados aqui na Santa Cecília. (PAPA, 2013)

Os repertórios musicais de bandas são compostos, originalmente, por marchas, repiques e dobrados. As bandas de Passagem, com o passar dos anos, inseriram músicas populares em seus repertórios promovendo uma combinação de elementos provenientes, tanto do repertório tradicional de bandas, quanto das músicas populares provenientes da indústria cultural. Utilizando as bandas do distrito como fomentadoras da interação e da cultura local, dando enfoque nas suas características de objeto dinamizador inserido em um sistema cultural não só afetado por fatores internos como também externos, o presente trabalho se ampara nos parâmetros indicados por Laraia:

[...] qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação. Assim sendo, a mudança que é inculcada pelo contato não representa um salto de um estado estático para um dinâmico, mas, antes, a passagem de uma espécie de mudança para outra (LARAIA, 2009, p. 95).

Assim, sustenta-se que o sistema cultural de um grupo social apresenta-se sempre em um estado dinâmico, envolvido em uma produção ativa da cultura local, que parte do

funcionamento da sociedade em questão e das contribuições que este funcionamento recebe de fatores provenientes desse sistema ou de fatores oriundos de sistemas externos.

### **As bandas enquanto objeto identitário tradicional**

Cada grupo social tem sua própria cultura e esta é composta por características singulares a este coletivo configurando a identidade que distingue os grupos sociais. A identidade cultural, entendida como um conjunto de relações sociais e patrimônio simbólico compartilhados entre os membros de uma mesma sociedade é representada por objetos identitários, que carrega em si o desejo do coletivo de representação e reafirmação perante o outro.

O indivíduo, enquanto ser social, tem em si o desejo e a necessidade de viver em conjunto, para que assim seus anseios ganhem legitimidade à medida que ele passe a servir a um propósito comum. Esse coletivo, dotado de elementos que o configuram, como as práticas e relações sociais específicas que formam e moldam os atores sociais que compõem esse grupo, dão vida a um sistema cultural que abriga as experiências de vida comum dos indivíduos, pois “[...] os indivíduos percebem-se – imaginam-se, como diria Benedict Anderson – membros de um grupo e produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza desse grupo” (CANDAUI, 2011, p.25).

Este sistema cultural possui elementos característicos que refletem na construção identitária de seus membros e do meio em que este sistema está inserido. “A identidade coletiva é o sentido que cada um tem de si mesmo como membro de um grupo social ou coletividade; é um sentido de pertença, de ser parte de um grupo social que tem uma história própria e um destino coletivo” (THOMPSON, 2011, p.241). Ela carrega o anseio dos atores sociais de auto-afirmação, representação perante o outro e perpetuação de seu legado cultural. Por vezes ela tem sua função articulada sobre um objeto identitário, que cumpre o papel representativo. Para Stuart Hall:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato é que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então costura (ou, pra usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura (HALL, 2006, p.12).

A partir desta definição sociológica geral de identidade, para a realização deste trabalho, foi adotado o conceito de identidade cultural coletiva como sinônimo do termo representação, que remete à representatividade do sujeito e do seu grupo exercida por uma

determinada identidade. A identidade cultural é construída a partir de produtos resultantes das interações sociais e atua como um sistema de representação.

Essa aplicação do conceito de representação objetiva deixar claro a construção da identidade, uma vez que essa apropriação simbólica parte da busca por reconhecimento e pertencimento. Como afirma Montiel:

Dentro de um quadro sociocultural específico, a construção de uma identidade provê aos indivíduos e à coletividade certa autopercepção, um sentido de pertinência, valores, códigos de comportamento, significações, um sentido de seguridade existencial e, muito importante, certas referências para serem conhecidas pelos outros (MONTIEL, 2003, p.24).

Isto nos mostra que tal constituição vale-se também da interpretação da realidade na tentativa dos atores sociais de compreender sua posição no mundo. E é justamente seu caráter de interpretação que a impede de ser tomada como algo inerte, emoldurado no tempo e no espaço.

Em Passagem de Mariana, a identidade cultural do distrito se constrói, entre outros fatores, a partir das sociedades musicais. A participação dos moradores de Passagem de Mariana na construção e na manutenção das bandas e a constante presença dessas Sociedades Musicais na vida dos habitantes do local por meio de seu papel de fomentadoras da cultura e lazer– aulas de música e realizações de apresentações – do distrito, ligam os atores sociais ao objeto e ressaltam a qualidade das bandas de produto local gerador de um sentimento de pertencimento.

Nos relatos do ex-presidente da *Sociedade Musical Santa Cecília*, José Luis Papa, fica evidente a relação mútua entre os atores sociais e o objeto, da qual resulta o sentimento de pertença e a função identitária exercida pela banda: “A comunidade é a Santa Cecília, entende, a comunidade é a banda. Porque se não fosse exatamente a comunidade não existiria a banda. Essa ligação forte que tem da comunidade com a banda eu nem consigo separar. A manutenção da banda é exatamente por que a comunidade é forte” (PAPA, 2013). Tal sentimento gerado pelas práticas das bandas no distrito é a peça chave que engrena o reconhecimento coletivo das bandas e legitima a função de objeto identitário exercido por elas.

Muitos músicos, formados em Passagem de Mariana, após a aprendizagem, migram para bandas de outras localidades, carregando os nomes das sociedades musicais onde se formaram e, concomitantemente, o nome do distrito. As bandas, como produto inerente de Passagem de Mariana, também a representa nas suas apresentações em outras regiões, afirmando perante outros grupos sociais a identidade do distrito como um ambiente

carregado de musicalidade. O relato do músico Rafael D'Ângelo – presente no livro “A banda pede passagem” de autoria de Solange Fortes - sintetiza a auto afirmação, o sentimento de pertencimento e a representatividade exercida pelas bandas: “Quando saímos pra tocar, não temos medo de banda nenhuma, nem militar, nem sinfônica. A nossa música é nossa marca e nossa garantia, em qualquer lugar” (FORTES, 2002, p.71).

Com base na discussão anterior, compreende-se que a identidade cultural não atua como uma moldura que se fixa no tempo e no espaço, inata a uma sociedade, ela depende de uma negociação desempenhada nas interações sociais. “A identidade de um grupo social é uma criação coletiva que se configura no tempo, na história, e, portanto está em permanente devir”. (MONTIEL, 2003, p.24). E, ao ser ativada, a identidade dá sentido a um território, pois ela está estreitamente ligada a um local, que exprime a ideia de um espaço delimitado que abrange as práticas sociais dos indivíduos.

A construção da identidade cultural local, como é vista no caso de Passagem de Mariana, vale-se de uma matéria prima fornecida pelo meio social. O objeto identitário base para a construção da identidade cultural, muitas vezes, se configura em uma experiência transmitida ao longo do tempo, pois por ser construída cotidianamente por interações sociais, a identidade se desenvolve preferencialmente por continuidades e, geralmente, está ligada ao passado por costumes e tradições:

A tradição fornece material simbólico para a formação da identidade tanto em nível individual quanto coletivo. O sentido que cada um tem de si mesmo e o sentido de pertença a um grupo são modulados – em vários graus dependendo do contexto social – pelos valores, crenças e padrões de comportamento que são transmitidos do passado (THOMPSON, 2011, p.241).

A legitimidade e o reconhecimento desse objeto identitário, configurado sobre um conjunto de bens e práticas tradicionais, devem ainda, ser estruturados a partir dos critérios que regem os grupos sociais. Para García Canclini “a perenidade desses bens faz imaginar que seu valor é inquestionável e os torna fonte de consenso coletivo, desconsiderando divisões entre classes, etnias e grupos que fraturam a sociedade e os modos de apropriar-se do patrimônio” (CANCLINI apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 179). Como também acredita Vives, que afirma que na “sociedade contemporânea, será tradicional a expressão de uma experiência peculiar a dado grupo humano, coletivamente aceita e reconhecida” (VIVES, 1983, p.134). Aproximando os estudos de García Canclini com os trabalhos de Vives, entende-se que o consenso coletivo é o que legitima bens ou práticas sociais como elementos tradicionais e por meio desse reconhecimento ocorre a relação de apego dos grupos sociais à esses elementos.

As práticas e os bens de uma sociedade trabalham para uma identificação conjunta. Esse conjunto de bens e práticas é algo herdado do passado e carrega uma tradição como prestígio simbólico. Em Passagem de Mariana muitos membros e colaboradores das bandas são herdeiros do gosto pela música e do apreço pelas sociedades musicais de familiares que já a compuseram. Assim como aconteceu com José Luis Papa que chegou à Santa Cecília aos cinco anos, acompanhando seu avô, músico da corporação. “À medida que o tempo foi passando, a *Sociedade Musical Santa Cecília* foi se tornando minha família, literalmente, porque lá estavam o meu avô, tios, primos, irmãos. Em épocas festivas, até minha mãe e irmã, e inevitavelmente, minha mulher com os meus filhos” (FORTES, 2011, p.11).

Muitos membros têm suas histórias de vida enredadas às histórias das bandas. Vários chegaram às sociedades musicais crianças e até hoje se mantêm em prática, assinalando a forte influência dessas Sociedades na comunidade. Como exemplos têm-se Daltro de Paula Novaes, maestro da Sociedade Musical São Sebastião, e Firmino Assumpção, músico e professor desta mesma banda. O maestro completou 61 anos na sociedade, assim como Firmino, que tem 73 anos de banda. Muitos dos componentes das bandas ingressaram nessas sociedades como músicos acompanhando pais e avós que pertenciam à composição das sociedades. Essa prática atravessa gerações, como na família do músico Liberato Anastácio, “Abé”.

É bonito ver as gerações novas se engajando na Banda, fazendo o possível para assumir nosso lugar. Eu tenho um neto que toca na banda com o mesmo instrumento que eu. Fiz questão de comprar pra ele. Quando ele apareceu aqui pela primeira vez com o uniforme da Banda, eu e minha esposa choramos de emoção e orgulho (FORTES, 2011, p. 61).

As bandas contam com muitos músicos pertencentes às mesmas famílias, como observamos pelo relato do presidente da *Sociedade Musical São Sebastião*: “Nós temos uma família aqui na banda que de quarenta e oito músicos, onze são da mesma família” (TAVARES, 2013).

Assim também acontece na família de Neudis Lisboa Moreira, 54, na qual todos os seus membros compõem a Sociedade Musical São Sebastião. Há três anos nas fileiras da banda tocando sax tenor, a musicista ingressou acompanhando seus filhos que já faziam parte do quadro de músicos. Ela relata: “Quem entrou primeiro foi meu primeiro filho, aí veio o segundo, aí na inspiração, eu. [sic] Me inspirou muito assim porque a música é cultura, a música é a dádiva da vida” (MOREIRA, 2013). O marido de Neudis, apesar de não atuar como músico também participa das práticas da banda. Ele se incumbiu de carregar as partituras nas viagens que a sociedade realiza para as apresentações.



Pelos relatos apresentados, evidencia-se que os membros da comunidade passagensense, músicos ou não, têm suas experiências de vida construídas sobre as sociedades musicais do distrito e comungam o orgulho de tê-las. Dotadas de tradicionalidade, as bandas são um legado aceito e reconhecido pelos moradores de Passagem de Mariana e atuam como instrumento da identidade cultural do distrito.

### **Os Reflexos da Comunicação de Massa no Objeto Identitário**

As bandas de Passagem de Mariana, objeto identitário do distrito, têm intrínsecas aos seus repertórios musicais a execução de marchas, dobrados e repiques, ritmos tradicionais às bandas civis. O maior acesso à variedade de bens, a massificação e a aceleração da transmissão dos produtos da indústria cultural pelo intermédio de novos meios comunicacionais, facilitado pelos movimentos globalizadores, despertaram nas bandas o interesse pelos frutos da cultura de massas. Com isso, iniciou-se um processo de hibridização, entendido como um “processo pelo qual antigas significações são atribuídas a elementos novos ou pelo qual novos valores mudam a significação cultural de formas antigas”. (CUCHE, 2002, p. 118). Assim como também conceitua Canclini ao afirmar que hibridizações são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2011, p XIX)

Por meio desse processo de contato e transações ocorridas em um contexto sócio-histórico, com o passar do tempo essas sociedades musicais inseriram músicas populares na composição de seus repertórios.

Pelo legado teórico dos primeiros estudos da Comunicação<sup>6</sup>, que defendiam que os indivíduos deixaram de construir suas referências nas relações e no convívio comunitário e, inseridos em uma massa homogeneizada pelo permanente fluxo de informações, passaram a agir de uma forma impessoal e anônima, ainda permeia nos atuais estudos da área e na sociedade pensamentos que tratam a relação entre as culturas locais e a indústria cultural de forma que a indústria cultural, por suas características de massificação e uniformização, fragiliza ou “extermina” as manifestações culturais e, em consequência, a identidade cultural dos grupos sociais receptores dos produtos dessa indústria. Uma vez que delegavam à indústria cultural a habilidade de atingir a capacidade de percepção das pessoas na medida em que ela “impede a formação de indivíduos autônomos e

---

<sup>6</sup> Os primeiros estudos sobre a Indústria Cultural iniciaram na Escola de Frankfurt e têm os filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer como seus principais realizadores.

independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente” (ADORNO, 1989). Esse processo ocorre uma vez que a indústria cultural em busca de um crescente mercado consumidor, propaga conteúdos massificados para diversos grupos de culturas distintas. Como consideram Armand e Michèle Mattelart:

A indústria cultural fornece por toda a parte bens padronizados para satisfazer às numerosas demandas, identificadas como distinções às quais os padrões da produção devem responder. Por intermédio de um modo industrial de produção, obtém-se uma cultura de massa feita de uma série de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da indústria cultural; serialização-padronização-divisão do trabalho. (MATTELART, 2011, p.77)

Entretanto, este estudo tem por finalidade romper com esse paradigma que vê o receptor como um sujeito indefeso e impassível diante do poder da mídia massiva, apresentada muitas vezes como um sistema onipresente, desestruturante das identidades coletivas, pois, como afirma Montiel:

Não se pensa, entretanto, que, em geral, as culturas locais ou as identidades coletivas são frágeis ou muito vulneráveis. Os novos símbolos compactuam, em homens de carne e osso, com uma história, uma mentalidade, um sentido de pertinência a uma coletividade, de modo que não incorporam em suas mentes, mecanicamente, as mensagens provenientes de outros horizontes simbólicos. Estas mensagens se relativizam, se adaptam, se modulam, segundo o receptor. Recordemos que a construção social da identidade é um processo criativo, complexo e interativo, adaptável para que os indivíduos e grupos possam fazer frente à onda homogeneizadora, no simbólico, e isoladora, no social (MONTIEL, 2003, p. 24-25).

Os sujeitos sociais com as mudanças ocorridas pelas transformações ocasionadas pela modernidade buscam meios de manter a sua identidade cultural, pois os efeitos da globalização geram relações de afirmação destas identidades culturais. Muitos grupos sociais utilizam-se dos produtos que recebem, por intermédio dos meios de comunicação, em benefício próprio. A capacidade desses grupos de combinar os elementos externos com sua lógica interna, por meio dos processos de hibridização, sem desestruturá-la, desenvolve uma forma de fortificar seu sistema cultural, usufruindo dos benefícios trazidos pelos movimentos globalizadores. Percebe-se, desse modo, a constituição de um dinamismo no consumo dos produtos culturais que são assimilados de formas produtivas pelas bandas.

O processo de hibridização, consistindo no encontro e na assimilação de elementos culturais externos, permite o ativismo cultural no que diz respeito à necessidade dos atores sociais de lidar com as transformações ocorridas nos seus ambientes.

As bandas de Passagem de Mariana, objeto identitário da cultura do distrito, como produtos culturais de um contexto sócio histórico local dinâmico, foram estimuladas pelo

advento da massificação e da aceleração da transmissão dos produtos da cultura de massa. Ajustadas aos processos de hibridização, a apropriação de elementos da indústria cultural se deu nos repertórios até então compostos exclusivamente pelos ritmos característicos e tradicionais às bandas civis: marchas, dobrados e repiques. Junto a estes ritmos tradicionais foi anexada a reprodução de músicas populares ofertadas pelos meios da cultura de massa. Atualmente, nos repertórios das bandas estão incluídas músicas de diversos gêneros, como por exemplo: “Travessia” de Milton Nascimento, “Mulheres” de Martinho da Vila, “Andança” de Elis Regina e “Ex mai Love” de Gaby Amarantos<sup>7</sup>.

Com o advento das transformações geradas pela globalização, as bandas foram confrontadas com novos atrativos culturais, estes se tornaram um produto corriqueiro ao alcance das mãos, pronto para consumo a qualquer hora e qualquer lugar. Para não perder seu público para a comodidade da cultura instantânea, pronta e de fácil acesso, e atrair as pessoas acostumadas com o consumo dos produtos da indústria cultural, as bandas inseriram novas canções nos seus repertórios.

Após perceber que, em certos lugares onde se apresentavam, parte do público se dispersava, o presidente da *Sociedade Musical São Sebastião*, Daltro de Paula Novaes, tensionou a inserção de músicas populares nos repertórios. A sociedade registra como a primeira música popular inserida no seu repertório, o samba “Foi um rio que passou em minha vida” de Paulinho da Viola, composição de 1970. Daltro ao falar sobre o porquê da escolha da música evidencia a influência da participação dos meios de comunicação de massa na reconstrução do objeto tradicional.

Essa música tava tocando muito no rádio [sic]. Não tinha muita televisão naquela época aqui, era só rádio. Ela era um show, era linda, então eu procurei e achei uns endereços em São Paulo e mandei buscar. ‘Vou mandar buscar umas músicas, Ataíde [maestro no período], e vamos experimentar’ A primeira que eu dei aqui pra ensaiar foi “Um rio que passou em minha vida”. Falei ‘ó Ataíde, vamos experimentar essa aqui’. Você precisava ver a aceitação que teve a música (NOVAES, 2013)

As bandas – como tradição local composta por atores sociais ativos culturalmente, adaptados a um processo de hibridização produtiva, através de uma estratégia para manter seu público – promoveram a releitura e a incorporação de produtos culturais para a manutenção da popularidade que possuem. Ao notar que com o advento da indústria cultural o público, detendo acesso a uma cultura de fácil absorção, começou a se afastar das apresentações, o então presidente usou dos produtos destas para manter seu público fiel e atrair novos adeptos.

---

<sup>7</sup> Referente à análise das partituras das bandas realizada em março de 2013.

Como sociedade musical unificada e coerente, as mudanças se deram por consenso. A combinação dos elementos constitutivos da modernidade com os elementos tradicionais próprios das bandas foi aceita pela comunidade, em um processo ativo de apropriação dos produtos da indústria cultural.

Ademir Tavares ao relatar como as músicas populares são escolhidas para compor os repertórios da Sociedade Musical São Sebastião, evidencia a participação e o consenso dos membros da banda na seleção das músicas.

Cada um tem uma ideia né. Por exemplo, algum músico ouve uma música no rádio, ‘a vou falar com o Daltro pra nós tentar [sic.] pegar essa música e levar pra banda’. Tem um rapazinho, o Léo Gomes, que mora aqui em baixo, ele fica mais na internet, essas coisas, então ele fica arrumando essas partituras pra gente. (TAVARES, 2013).

O contato com os produtos da indústria cultural por meio da comunicação de massa, contrariando as vertentes teóricas que acreditam que os sujeitos sociais se rendem ao poder da mídia e assimilam passivamente seus produtos, não fez com que os atores aqui estudados, pensando sua relação com a identidade cultural de Passagem de Mariana, fossem apáticos na recepção desses produtos, assimilando e reproduzindo os conteúdos de maneira acrítica. Antes, esses atores sociais trabalharam esses produtos de acordo com a lógica interna que rege sua cultura. Isso é observado na fala de José Luis Papa, ao explicar como se dá a escolha das músicas populares que são introduzidas nos repertórios da *Sociedade Musical Santa Cecília*:

Se você tiver um bom ouvido e um pouquinho de qualidade musical, você não precisa ler a partitura, você pega e toca. Esse tipo de música pra santa Cecília não serve. Nós tocamos o popular, as músicas de hoje, mas com arranjos ricos, trabalhados que você vem, senta, ensaia e executa. Tem que trabalhar o popular de qualidade, o popular arranjado. (PAPA, 2013).

Os atores sociais em questão relativizam, adaptam e moldam os produtos da indústria cultural mediante suas necessidades e desejos, adaptando-os de acordo com suas estruturas internas e vontades. As bandas fazem frente ao processo de homogeneização, sem deixar de utilizar os produtos da indústria cultural em benefício próprio.

Muitas vezes, em busca desse benefício, os atores sociais relegam seus gostos pessoais em prol de um bem maior para o coletivo. Como no caso da *Sociedade Musical São Sebastião*, onde o maestro Daltro de Paula Novaes inseriu a música “Pelados em Santos” do grupo Mamonas Assassinas<sup>8</sup> no repertório de apresentação, mesmo não gostando do gênero, ao perceber que ela seria útil para a banda, como relata:

---

<sup>8</sup>Banda de rock brasileira com letras cômicas. O grupo esteve em atividade entre 1995 a 1996.

Nós tocamos uma vez, e eu detestava, detestava Mamonas Assassinas. Mas um dia, uns caras do Rio de Janeiro, [sic] o maestro de lá falou ‘Daltro, vou te mandar uma música que você detesta, mas eu tenho certeza que você vai tocar. Ele mandou. Quando eu vi era Mamonas Assassinas. Tocamos a música, eu ensaiei a música e a primeira apresentação dela foi em Itanhandu.<sup>9</sup> A praça lotou, eu coloquei Manonas Assassinas, o povo foi ao delírio. Tocamos ela por muito tempo por aí, onde a gente ia, a gente tocava, depois, é aquele tipo de música que vai cansando.(NOVAES, 2013).

Em contraposição a ideia de que os sistemas culturais locais se fragilizam ao entrar em contato com a cultura de massas, as bandas de Passagem buscam incorporar os elementos dessa cultura em seus repertórios. A partir dessa escolha, essas manifestações da cultura local se fortalecem ao se apropriarem dos produtos da cultura de massa. Os atores sociais dotados de autonomia selecionam e trabalham os produtos da comunicação de massa para reconstruir o objeto identitário e afirmarem sua identidade. Ou seja, fazem uma ponte entre o repertório tradicional das bandas e os produtos da indústria cultural, incorporando seletivamente os sucessos e as modas musicais recebidos pelos meios de comunicação de massa, tal como José Luiz Papa evidenciou em seu depoimento: “Ela [a *Sociedade Musical Santa Cecília*] privilegia manter a tradição dos dobrados, marchas e repiques, aquilo que identifica uma banda. Mas com certeza ela faz os dois lados, atende a todos os gostos sem deixar perder a sua origem. Fazemos os populares sem perder a nossa origem” (PAPA, 2013).

As bandas demonstram que pelo consenso de um grupo social, dotado de autonomia em suas escolhas, os produtos da indústria cultural são consumidos analiticamente. Essa concepção refuta a ideia de que os receptores dos produtos da indústria cultural compõem um aglomerado de indivíduos isolados e passivos, adotada por algumas vertentes dos Estudos da Comunicação que acreditam que a comunicação de massa cria “um tipo de cultura homogênea e branda, que diverte sem desafiar, que prende a atenção sem ocupar as faculdades críticas, que proporciona gratificação imediata sem questionar os fundamentos dessa gratificação” (THOMPSON, 2011, p.51), visão em parte já superada.

O consumo das músicas populares pelas bandas de Passagem de Mariana demonstram que os atores sociais do distrito participam ativamente da construção da identidade cultural local através da reconfiguração do objeto identitário por meio da hibridização. A comunicação de massa atua nesse processo passando pela aprovação dos membros das bandas que se apropriam de forma seletiva dos produtos da indústria cultural.

---

<sup>9</sup>Município situado na região sul do estado de Minas Gerais.

### **Considerações Finais.**

Este trabalho teve a intenção de entender os efeitos da comunicação de massa sobre o objeto identitário de um grupo social. Na busca dessa compreensão a pesquisa estudou as bandas civis do distrito de Passagem de Mariana para entender a relação destas com os produtos da indústria cultural e seu possível efeito na reconstrução dos repertórios tradicionais dessas sociedades musicais.

Como foi visto, todo grupo social está inserido em um sistema cultural dinâmico detentor dos elementos que compõe a identidade dos sujeitos. Reivindicada pelos atores sociais que compõem esse coletivo, essa identidade cultural é construída pelo desejo de pertencimento e representação. Analisando as bandas de Passagem de Mariana, entendeu-se que a identidade é constituída a partir do reconhecimento de algum elemento que os atores sociais têm em comum. Apoiados sobre as bandas locais os atores do distrito construíram sua identidade, fazendo dessas sociedades musicais instrumentos representativos do distrito.

Como todo elemento encontra-se em processos permanentes de construção cultural, as bandas sofreram influências provenientes tanto de fatores oriundos do seu próprio meio quanto de fatores externos, dentre eles a comunicação de massa. As análises compreendidas acerca das bandas e seus sujeitos contrariam a ideia de que em contato com os produtos da indústria cultural enfraquecem ou “exterminam” culturas locais, ao evidenciar que os atores não assimilam mecanicamente os produtos da indústria cultural, como defendem algumas vertentes dos Estudos da Comunicação. Os atores sociais de Passagem de Mariana selecionam e adaptam esses produtos de acordo com a lógica interna do seu sistema cultural, na busca de benefícios próprios.

Assim, diante da análise desenvolvida foi possível responder a indagação proposta neste trabalho, na medida em que a participação dos produtos da indústria cultural na reconstrução do objeto identitário foi constatada. As bandas de Passagem de Mariana mostram que essa participação não é automática, ela passa pela aprovação dos atores sociais que agem na reconstrução dos repertórios intrínsecos a essas sociedades. A apropriação é feita no intuito do fortalecimento da identidade cultural, pois mesmo diante da assimilação desses produtos há o trabalho para a manutenção da tradição das corporações. Pela incorporação seletiva de músicas populares, os atores sociais mantêm a tradição e realizam um processo de renovação da popularidade das sociedades musicais.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **A Indústria Cultural**. In: COHN, Gabriel (Org) Theodor W. Adorno. Trad. Amélia Cohn. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo. Ática, 1986

ALBERGARIA, Aline; ANDRADE, Bruno de Oliveira. **Águas de Passagem: Fonte de histórias e lendas**. In:BUARQUE, VÍRGÍNIA (org.).**Curtas em Mariana e Ouro Preto: identidades através do ensino de História**. Ouro Preto: UFOP, 2010

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2013

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. 2ªed. Bauru: EDUSC, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Editora on-line, 2010.

FORTES, Solange Palazzi. **A banda pede Passagem**. Ouro Preto: ETFOP, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MATTELART, Armand e Michele. **Histórias das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Jorge Zahar, 2011

MONTIEL, Edgar. **A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização**. In: SIDEKUN, Antônio. (org.). **Alteridade e multiculturalismo**. Rio Grande do Sul: Ed.Unijuí, 2003. p.15-58.

MOREIRA, Neudis Lisboa em entrevista cedida à autora em março de 2013.

NOVAES, Daltro de Paula em entrevista cedida à autora em fevereiro de 2013.

PAPA, José Luis, em entrevista cedida à autora em fevereiro de 2013.

TAVARES, Ademir em entrevista cedida à autora em fevereiro de 2013.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VIVES, Vera de. **A beleza do cotidiano**. In: **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. FUNARTE, 1983.